

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Resumo

Este trabalho propõe um diálogo sobre a velhice na perspectiva das práticas agroecológicas, neste caso, no contexto das hortas e quintais, onde elas se tornam ferramentas de diálogo e das trocas de saberes, sendo capazes de catalisar o processo de produção de vida. O estudo foi realizado no período da pandemia de COVID-19 e de isolamento social em 2020 e 2021, com um grupo de pessoas idosas intitulado projeto HorTOCAR, um espaço de trocas de saberes sobre atividades de agricultura caseira. A observação participante foi utilizada como método tomando como premissa a correspondência segundo proposta pelo antropólogo Tim Ingold (2017). Tal respaldo metodológico proporcionou aos pesquisadores o suporte necessário para uma participação social ativa dentro do grupo. Mesmo no contexto de um grupo remoto de modalidade on-line, as atividades propostas visavam diversas formas de expressão por meio dos fazeres e da experimentação além dos limites da comunicação verbal. Os encontros constituíram-se como respostas aos desafios relacionados à construção de um espaço de troca de saberes capaz de fomentar correspondências no contexto de isolamento social, além de promover a autonomia das pessoas idosas na realização das atividades. Como resultado, foi possível proporcionar aos participantes um espaço de encontro social produtor de vida apesar das incertezas advindas do momento histórico.

Palavras-chave: velhice; correspondência; agroecologia; multidisciplinar.

Renato Perotto Machado
Doutorando em Ciência da Computação pela Universidade de Tartu, Estônia.
Mestre em Design pela Universidade de Brasília – UnB. Estônia.
renatoperotto@gmail.com
orcid.org/0000-0002-1976-2078
lattes.cnpq.br/9119228544454824

Gabriela Alves Mendes
Terapeuta Ocupacional pela Universidade de Brasília – UnB. Mestranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Brasil
gabrielamendes.to@gmail.com
orcid.org/0000-0002-5178-3602
lattes.cnpq.br/8068135297428791

Grasielle Silveira Tavares
Terapeuta Ocupacional pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC. Doutora em Enfermagem em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo - USP. Professora da Univ. de Brasília – UnB. Brasil
grasiellet@yahoo.com
orcid.org/0000-0003-4609-6792
lattes.cnpq.br/9432642515034989

Para citar este artigo:

MACHADO, Renato Perotto; MENDES, Gabriela Alves; TAVARES, Grasielle Silveira. Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0108, 2023.

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0108>

Projeto "HorTOCAR": correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Project "HorTOCAR": correspondences, agroecology and production of life with the elderly in pandemic times

Abstract

This work proposes a dialogue about old age from the perspective of agroecological practices, in this case, in the context of home gardening as a tool for dialogue and exchange of knowledge for the production of life. The study was conducted in the period of the COVID-19 pandemic and social isolation in 2020 and 2021 with a group of elderly that participated in the HorTOCAR project, a group for exchanging knowledge about home gardening in pandemic times. The method chosen for the research was participant observation through correspondence as proposed by the anthropologist Tim Ingold (2017). It provided the researcher with the necessary methodological support for an active social participation within the group. Even in the context of an on-line group, the proposed activities aimed at various forms of expression through making and experimentation beyond the limits of verbal communication. The group meetings were constituted as a response to the challenges related to the construction of a space for exchanging knowledge and fostering correspondence in the context of social isolation. In addition, the group aimed for the construction of autonomy for the elderly. As a result, it was possible to build a space that would serve the participants, even if isolated, providing them with a place for social encounters capable of producing life despite the uncertainties arising from the historical moment.

Keywords: old age; correspondence; agroecology; multidisciplinary.

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Introdução

Ter uma vida mais longa tem sido algo presente na sociedade contemporânea e proporciona a reflexão sobre não apenas ser uma pessoa idosa, mas a forma como toda a nossa vida pode se desenrolar, como fazemos nossas atividades, estabelecemos relações e nos identificamos com os lugares em que vivemos. Assim, temos velhices, territórios e memórias que representam a singularidade e unicidade da trajetória individual e coletiva.

As “velhice(s) é(são), por conseguinte, analisadas e compreendidas a partir de diversos prismas, considerando referenciais teóricos e metodológicos diferenciados, numa procura de reconhecimento de como é(são) vivida(s), sentida(s), significada(s) e resignificada(s) a partir de dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais” (VEIGA; FERREIRA; CORDEIRO, 2016).

Os recursos sociais, econômicos e culturais disponíveis às pessoas por todo o curso de vida influenciam seu poder de tomada de decisões e nas participações políticas e cidadãs. Visando atingir os objetivos da Agenda 2030 para um desenvolvimento sustentável, “as sociedades devem estar preparadas e assumir uma postura sensível às necessidades das populações idosas de hoje e do futuro” (OPAS, 2020).

A Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030) reconhecida pela Organização Mundial da Saúde como ensejo de alinhar políticas globais, nacionais e locais com e para a pessoa idosa visa reunir diversos atores, incluindo governos, sociedade civil, agências internacionais, profissionais, universidades, mídia e setor privado (WHO, 2020). Considerando que políticas públicas devem acompanhar as mudanças na sociedade, correspondendo às iniciativas nacionais e internacionais que envolvem a participação e mobilização ativa dos cidadãos, e aqui, especificamente voltado à população idosa, devem ser consideradas as demandas dessa população (CHIARELLI; BATISTONI, 2022).

Dados sobre envelhecimento e saúde são essenciais para entender melhor a saúde das pessoas idosas e suas contribuições sociais, econômicas e de capital social, segundo dados disponíveis no observatório da PAHO ([202-]), que fornecem informações

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

atualmente disponíveis que auxiliam na priorização e avaliação das intervenções de saúde pública.

As pessoas idosas não correspondem a um grupo homogêneo e seu processo de envelhecimento difere em cada país. Porém, estima-se que nas Américas, no ano de 2030, uma em cada seis pessoas terá 60 anos ou mais (PAHO [202-]). Realizando um recorte para o Distrito Federal, os dados apontam que, em 2019, a população idosa passou de 200 mil pessoas e estima-se que chegará a 565 mil em 2030 (IBGE, 2020).

As pessoas idosas desta pesquisa apresentaram o desejo de construir a partir dos espaços de seus lares o cultivo de hortas e quintais caseiros. A agricultura urbana (AU) vem se tornando uma atividade promissora a ser trabalhada com as pessoas idosas ativas por se caracterizar como "uma atividade útil, que aumenta a coesão social nos bairros e une as pessoas promovendo a comunicação, o intercâmbio de experiências pessoais e a melhoria da qualidade de vida" (RODRIGUES, 2012, p. 8). Muitas hortas comunitárias possuem grupos de voluntários dessa faixa etária, como é o caso da horta da faculdade de medicina da Universidade de São Paulo (USP)¹. Mesmo nos casos em que as limitações físicas de algumas pessoas idosas não as permitem participar integralmente das atividades que exigem esforço físico, esses integrantes podem contribuir aportando seus saberes e conhecimentos e experiências.

Com a pandemia COVID-19, hortas urbanas comunitárias que cumpriam seu papel de espaços de trocas de saberes e fortalecimento de vínculos, viram suas atividades paralisadas. As pessoas idosas que já sofriam com isolamento social, invisibilidade, luto e abandono, passaram a viver o agravamento de tais questões permeadas pelos medos e incertezas dos tempos pandêmicos (ROMERO *et al.*, 2021). Possibilitar uma sensação de pertencer e fazer parte de um grupo, corresponde a algo extremamente sadio (HOERLLE, 2014). A apropriação do espaço *on-line* e remoto voltado a atividades para pessoas idosas em isolamento social traz alguns benefícios. O formato *on-line* apresentou-se como uma saída viável para que muitas das atividades não simplesmente cessassem de acontecer.

¹ No vídeo sobre a Horta da Faculdade de Medicina da USP, apresenta-se o grupo de voluntários que participam ativamente das atividades. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D4J2dUZGA7w>
Acesso em: 29 out. 2021.

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Logo, esta pesquisa visou explorar como as práticas agroecológicas (hortas e quintais caseiros) emergem como dispositivos de conversação e trocas de saberes capazes de catalisar processos de correspondência produtores de vida. Entendem-se como práticas agroecológicas caseiras o cultivo de plantas alimentícias de maneira ecológica e sustentável nos espaços habitacionais.

Metodologia

O Coletivo Vivacidade (MENDES; CRUZ; TAVARES, 2020) faz parte do projeto de extensão TOCAR na Universidade de Brasília, no qual realiza pesquisas da Terapia Ocupacional com pessoas idosas ativas desde 2018, em parceria com o Sesc - Centro de Atividades Ceilândia no Distrito Federal. Este precisou suspender suas atividades presenciais devido à pandemia no início de 2020. O grupo que contava ativamente com a participação de treze pessoas idosas, precisou criar formas de assisti-las em seu isolamento para que o trabalho não se interrompesse. Fundou-se, então, uma modalidade digital dos encontros na intenção de manter as atividades terapêuticas durante a crise sanitária que se instalou. O Vivacidade enfrentou muitos desafios para adaptar-se ao formato *on-line*. Em resposta a tal desafio surgiu o Grupo HorTOCAR que se propôs a oferecer um espaço de trocas de saberes sobre atividades de agricultura caseira que pudessem ser praticadas a partir do isolamento no primeiro ano de pandemia.

O Grupo HorTOCAR se constitui a partir da divulgação, por rede social, aos interessados no Distrito Federal. A inscrição e participação foram oferecidas gratuitamente. Como critério de seleção, os participantes precisavam possuir dispositivos (celular, computador ou tablet) com conexão de *internet* e habilidade de uso desses aparelhos. A princípio foi utilizado o aplicativo de videoconferência *Jitsi Meet*, que permite video-chamadas gratuitas. No entanto, observaram-se dificuldades quanto à conexão para alguns integrantes. A familiaridade de todos com a plataforma *Google Meet*, incentivou a migração do grupo para esta última.

No início foram realizadas instruções ilustrativas e um vídeo de como instalar e utilizar as funções básicas dos aplicativos para os integrantes. Porém, mesmo com o

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

apoio técnico, houve a desistência de alguns participantes, pois não conseguiam operar o aplicativo e não possuíam um familiar próximo para assisti-los pessoalmente. O acesso a essas ferramentas ainda é desafiador para a população idosa; mesmo que tenham uma boa aceitação das novas tecnologias, ainda há muitas barreiras de inclusão digital e acessibilidade para essa faixa etária.

Os encontros do Grupo HorTOCAR se deram no período entre agosto de 2020 e agosto de 2021. Ao todo, tivemos onze pessoas inscritas, sendo dez mulheres e um homem. De todos inscritos, oito participaram de pelo menos um encontro, sendo cinco mais assíduas. Dessas, apenas três tiveram presentes do início ao fim do grupo. No entanto, a maioria dos inscritos interagiam pelo grupo do *WhatsApp*, mesmo não participando dos encontros. As idades dos integrantes variaram entre 61 e 80 anos, sendo que, entre estes o nível de escolaridade abrangia desde o ensino fundamental incompleto até o superior completo. Além das participantes residentes das regiões administrativas do Distrito Federal, também fez parte do grupo uma participante de Belo Horizonte e um de Belém do Pará. Entre os facilitadores pesquisadores, na época, o grupo contou com um mestrando de Design, uma graduanda de Terapia Ocupacional e uma terapeuta ocupacional. Inicialmente, o HorTOCAR tinha previsão de duração de seis meses, mas se estendeu por um ano, totalizando 38 encontros semanais com duração de 2h30 cada.

Apesar de o grupo ter se formado em torno das práticas de agricultura caseira, ele não se limitou a isso. A partir dos movimentos internos do próprio grupo e das exigências adaptativas do modelo *on-line*, os encontros tomaram formas diversas. Dentre as atividades propostas, realizaram-se: trocas de saberes sobre diversos temas relacionados ao cultivo de alimentos, plantas medicinais e fitoterápicos; meditações guiadas a partir dos elementos luz, terra, água e ar presentes no plantio; ativação dos sentidos a partir das cores, cheiros e texturas do solo, das plantas e alimentos; ressignificação do lar e seus espaços em tempos de pandemia; atividades artísticas com materiais orgânicos; trocas de saberes sobre fazeres manuais e artesanais; e, por último, uma construção coletiva de imaginação de futuros possíveis para um habitar mais inclusivo a outras espécies de vida. Tais atividades eram catalisadoras de trocas de saberes e estimulantes à criatividade a partir da mudança do olhar sobre as plantas que coabitam nossos espaços.

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Os encontros foram gravados gratuitamente pelo programa *Open Broadcaster Software* (OBS). Ao longo deles, cada pesquisador produziu um diário de campo para registro dos aspectos presentes nas experimentações que emergiram do grupo (MINAYO, 2007). Assim, as percepções pessoais foram registradas, juntamente com o uso de fotografias, vídeos e gravações dos encontros.

A metodologia utilizada na pesquisa foi qualitativa, por meio da observação participante segundo a abordagem do antropólogo Tim Ingold (2019). Sua abordagem consiste em ir a campo não para explicar e interpretar os comportamentos dos seres estudados, mas para engajar-se junto a eles compartilhando de sua presença. Tal atitude permite ao pesquisador "aprender com as suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana pode ser, das suas condições e possibilidades futuras" (INGOLD, 2019, p. 10).

A abordagem de Ingold sobre esse método tradicional da antropologia traz um diferencial que o reatualiza para as necessidades contemporâneas. "Fazer-se um observador participante é estar em correspondência com aqueles com quem se quer aprender ou entre os quais há interesse de compreensão" (SERPA; COSTARD, 2018, p. 18). Logo, a observação participante ofereceu suporte necessário para um engajamento social dos pesquisadores a partir de uma atitude ativa junto ao grupo, no sentido de construí-lo como um espaço de produção de vida.

Tal observação participante apoia-se no conceito de correspondência como premissa para se pensar o campo social. Correspondência, segundo o antropólogo Tim Ingold, vem de co-responder, ou seja, de responder *com* e não *responder a* algo ou alguém. Ele conclui nos alertando que "o organismo (animal ou humano) deve ser entendido não como uma entidade limitada, rodeada por um ambiente, mas como um emaranhado ilimitado de linhas no espaço fluido" (INGOLD, 2011, p. 64, tradução nossa²). O autor propõe o conceito de correspondência e a noção das linhas como um contraponto ao pensamento embasado nas interações. Ele alega que "o problema é que temos estado tão envolvidos em nossas interações com os outros que deixamos de notar

² No original: "I conclude that the organism (animal or human) should be understood not as a bounded entity surrounded by an environment but as an unbounded entanglement of lines in fluid space."

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

como nós e eles caminhamos juntos na corrente do tempo" (INGOLD, 2021, p. 9, tradução nossa³). Para o autor, assim como a interação é atividade das bolhas, a correspondência é a das linhas e alerta: "Se, hoje, nosso mundo está em crise, é porque esquecemos de como nos corresponder. Em vez disso, nos engajamos em campanhas de interação" (INGOLD, 2021, p. 9, tradução nossa⁴).

Após teorizar a linha, o autor se propõe a descrever seu comportamento. Segundo ele, as linhas se caracterizam por se embaraçar umas às outras ao longo do tempo (INGOLD, 2016). Esse embaraçar é o que constitui o que o autor vai chamar de malha, para contrapor à ideia de rede. O autor nos traz a imagem da teia de aranha para ilustrar como as linhas da malha se diferem das redes de comunicação. Para Ingold, o tecido social é uma grande malha tecida como as teias de aranha. "Na malha, cada linha constituinte, à medida que avança, deixa seu próprio rastro dentro dos interstícios de sua ligação com outras. Assim, a união de vidas também é sua diferenciação contínua" (INGOLD, 2016, p. 11, tradução nossa⁵). Logo, corresponder é o que as linhas fazem ao se emaranharem ao longo do tempo e, nesse movimento de responder umas às outras, elas tecem a malha.

O lugar dos pesquisadores junto ao HorTOCAR, então, precisava ser desde dentro do grupo para que pudéssemos nos emaranhar juntos em correspondência. Assim, a observação participante "é uma prática de correspondência: uma forma de viver atentamente com aqueles com quem trabalhamos (INGOLD, 2017, p. 157, tradução nossa⁶). Facilitar o grupo neste sentido era "mais sobre abrir caminhos, do que definir metas; sobre antecipação, não predeterminação" (GATT; INGOLD, 2013, p. 253, tradução

³ No original: "The trouble is that we have been so wrapped up in our interactions with others that we have failed to notice how both we and they go along together in the current of time."

⁴ No original: "If, today, our world is in crisis, it is because we have forgotten how to correspond. We have engaged, instead, in campaigns of inter action."

⁵ No original: "In the meshwork, by contrast, each constituent line, as it bodies forth, lays its own trail from within the interstices of its binding with others. Thus the joining of lives is also their continual differentiation."

⁶ No original: "to observe is not to objectify; it is to attend to persons and things, to learn from them, and to follow in precept and practice. Participant observation, in short, is a practice of correspondence: a way of living attentively with those among whom we work."

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

nossa⁷). No entanto, essa aproximação exige um grau de abertura e flexibilidade para o imprevisto que nos fazia constantemente questionar criticamente o papel do pesquisador junto ao grupo, voltando nosso olhar aos participantes, mas também a nós mesmos como membros.

Essa mudança de atitude da interação para a correspondência é justamente a chave para nos posicionarmos como observadores participantes nas pesquisas de campo segundo a visão de Tim Ingold. Na observação participante, o pesquisador é convidado a atuar junto ao grupo partindo de um lugar de proatividade. Com essa base, podemos construir relações em nossas pesquisas capazes de nos proporcionar um aprendizado com as pessoas e não apenas aprendermos algo *sobre* elas. Então, como facilitadores e coparticipantes do grupo, éramos chamados a agir aportando nossos conhecimentos e saberes ao grupo. Para tal, o campo do Design nos oferece métodos capazes de facilitar mediações e conversações. Entre eles, o que se destacou foi o método conhecido como dispositivo de conversação (ANASTASSAKIS; SZANJECKI, 2016) com guia para as atividades.

No caso do HorTOCAR, as práticas agroecológicas quando adaptadas aos lares serviam como espaços de troca de saberes e se apresentaram com potenciais catalisadores de conversação, ou seja, elas fomentaram diálogos e correspondências. Por esse motivo, afirmamos que elas são dispositivos de conversação capazes de gerar correspondências produtoras de vida. Segundo Quarentei, a "produção de vida aqui entendida como produção de modos de estar no mundo, de maneiras de existir e da própria fabricação de mundos" (QUARENTEI, 2001). Descreveremos a seguir os resultados.

Este trabalho foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa, sendo que o mesmo está associado como emenda ao projeto “Uma clínica atravessada pela arte: experiência estética e criativa na formação do terapeuta ocupacional”, e constitui-se parte do eixo

⁷ No original: “And it is about opening up pathways rather than setting targets; about anticipation, not predetermination.”

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

regional aprovado pelo CEP/CHS da Universidade de Brasília, sob o número CAE 21696919.0.0000.5540.

Resultados e discussões

Nos primeiros encontros do grupo, notou-se que as participantes estavam habituadas a outros grupos nos quais havia uma figura de professor portador de conteúdo em que a transmissão do conhecimento acontecia a partir de um lugar mais unilateral, havendo pouco espaço para trocas de saberes. Por mais que tentássemos nos deslocar do lugar de "professores", tal fato no início foi inevitável, principalmente porque éramos os facilitadores do grupo. Logo, o primeiro grande obstáculo foi estabelecer um lugar de cuidado como observador participante, em que nossa participação não correspondesse apenas às necessidades de nossa pesquisa, mas contemplasse principalmente os desejos e anseios provindos do grupo. Foi preciso enfatizar nos primeiros encontros que ali era um espaço comunitário construído coletivamente e que todos eram convidados a propor atividades, discussões e caminhos de troca de saberes para o grupo.

Para tal, apoiamo-nos no conceito de autonomia de Paulo Freire (2011), quando nos permitimos participar das atividades do grupo desconstruindo a hierarquia preestabelecida das relações. Atuando como mais um membro participante, aos poucos íamos soltando o poder centralizador da figura do professor ao mesmo tempo em que os participantes se descobriam como protagonistas dos encontros. "É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o 'espaço' antes 'habitado' por sua dependência." (FREIRE, 2011, p. 64).

Espaços de escuta e cuidado mútuo foram surgindo, principalmente porque todos estávamos passando por momentos de medo e incerteza causados pela pandemia. Essas escutas fortaleceram os vínculos e acolheram para que conteúdos mais pessoais/singulares emergissem. "As aberturas, assim, são proveitosas para correspondências e o surgimento de conteúdos que de outras formas não têm chances de vir à tona quando as dinâmicas dos encontros são estruturadas e fixadas" (MACHADO,

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

2021, p. 137). A partir do segundo mês, a hierarquia professor-aluno já havia sido modificada e as participantes se sentiam à vontade para compartilhar seus pensamentos e tomarem a frente do grupo quando precisassem. Isso se confirmou no sexto encontro, quando uma participante diz que o HorTOCAR: “É um lugar de troca, né?” (Informação verbal⁸). E obteve como resposta: “Nosso encontro não é uma *live*, é um bate papo” (Informação verbal⁹).

O compartilhamento dos saberes foi primeiramente sobre o cultivo de plantas, mas depois surgiram outros saberes significativos para elas naquele momento. No encontro 13, A. J. P. sugeriu que a cada quinze dias alguém do grupo ensinasse alguma habilidade para os outros integrantes. A proposta deixou clara a conquista da autonomia do grupo, pois demandava uma proatividade dos participantes quanto ao preparo das atividades. Essas abrangeram desde práticas artesanais até atividades físicas como alongamentos e automassagem. A dinâmica era a mesma, alguém do grupo assumia o encontro e compartilhava suas habilidades enquanto o resto dos participantes, incluindo nós, os facilitadores, as praticávamos em nossas casas. Isso promovia uma atitude de atenção mútua essencial para a correspondência. Nela, fazemos com as outras pessoas. “Observar-com não é objetificar; é cuidar de pessoas e coisas, aprender com elas e seguir os preceitos e a prática. Enquanto o estar é intencional, o estar com é atencional” (INGOLD, 2016, p. 24, tradução nossa)¹⁰. Tornou-se perceptível uma melhora na autoestima das participantes ao se darem conta de sua autonomia e contribuição ao grupo.

A pesquisa que envolve a participação propõe uma abertura para pensarmos a partir do fazer. O fazer em si já se apresenta como uma forma de pensar e está intrinsecamente ligada à quebra da dicotomia sujeito-objetos. “Nos fazeres manuais, as coisas estão vivas e fazem o sujeito ao mesmo tempo em que este as faz promovendo possibilidades de diálogos e imaginações” (MACHADO, 2021, p. 171). De acordo com Binder *et al.* (2011), a ação do fazer não se encontra separada do pensamento e do seu

⁸ Informação fornecida por N. F. O. durante encontro grupal remoto em 2021.

⁹ Informação fornecida por A. J. P. durante encontro grupal remoto em 2021.

¹⁰ No original: “But to observe with is not to objectify; it is to attend to persons and things, to learn from them, and to follow in precept and practice. Whereas of-ness is intentional, with-ness is attentional.”

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

valor cultural. Nesse sentido, ao fazermos juntos, cada participante vive a experiência ao mesmo tempo em que a produz e, a partir da prática, expressa-se através do próprio ato ultrapassando a fronteira das trocas verbais (MACHADO, 2021).

O contato com a terra e com o cultivo de alimentos abrange a dimensão do fazer e suas práticas acessam os nossos sentidos. Semelhante ao fazer nas artes visuais e no design, "é crucial explorar as propriedades físicas do material — cheirar, sentir e manipulá-lo" (BINDER *et al.*, 2011, p. 29, tradução nossa¹¹). Segundo os autores, apesar de nas pesquisas exploratórias a conversa e o diálogo serem elementos essenciais, "a linguagem da postura corporal, gestos, olhar e movimento, de artefatos visuais e som, interação de maneiras intrínseca" (BINDER *et al.*, 2011, p. 11, tradução nossa¹²). No formato *on-line*, percebemos a ausência de trocas sensoriais para além da fala e do visual pelas imagens; passamos a propor atividades que resgatam a sensorialidade dos outros sentidos, como o olfato, o tato e o paladar, partindo de coisas que poderiam ser encontradas na própria casa das participantes.

Os temas que surgiam nessas conversas pautavam as atividades dos encontros posteriores. Isso foi criando um contexto de grupo em que as trocas eram mais adaptadas à realidade das participantes, despertando um maior interesse nelas em assumir o grupo como seu. Podemos citar como exemplo, o segundo encontro, quando N. F. O. demonstrou interesse em aprimorar o cultivo de ervas em vasos e jardineiras em sua casa. Ela compartilhou uma foto do seu pé de alecrim (Figura 1), que estava doente. R. P. M. mostrou, então, seu pé de alecrim que estava em meia sombra, dividindo espaço com um pé de couve e outro de hortelã-pimenta na mesma jardineira. Isso trouxe à discussão o cultivo em consórcio, ou seja, várias espécies compartilham o mesmo solo.

¹¹ No original: "It is crucial to explore the physical properties of material—to smell, feel, and manipulate it."

¹² No original: "In this exploratory study we have seen that although talk and dialogue are essential elements of design work, the language of body posture, gestures, gaze, and movement, of (visual) artifacts and sound all interact together in intricate ways."

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Figura 1 - Alecrim plantado no mesmo vaso com hortelã-pimenta e couve



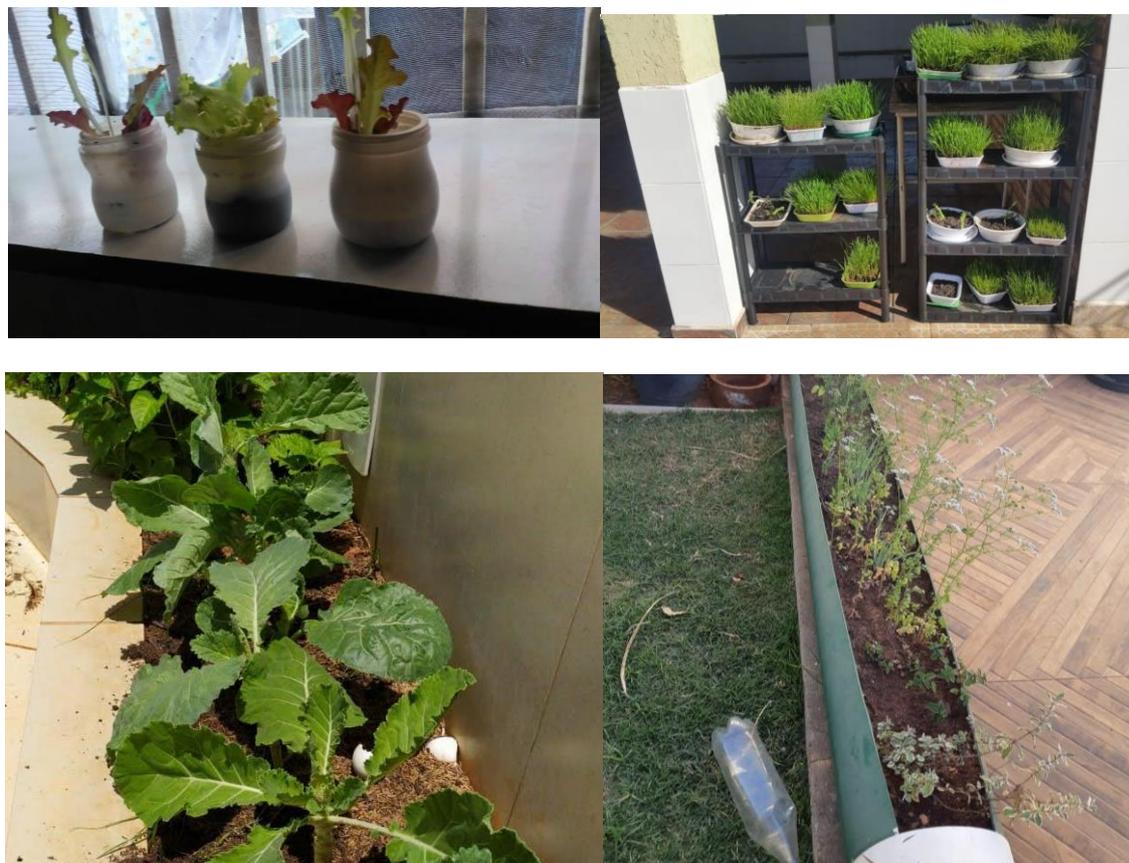
Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Sugerimos a N. F. O. que transferisse sua planta para um local de meia sombra, mas ela retrucou dizendo que não tinha espaço em seu lar para tal. Sua resposta desencadeou uma troca de exemplos de como cultivar plantas em pequenos espaços. Fizemos um encontro sobre o assunto e trouxemos o exemplo do curso oferecido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), no início da pandemia. O curso apresentava ideias para se cultivar hortaliças em pequenos espaços de nossas casas. Segundo Warley Marcos Nascimento, Chefe-geral da Embrapa hortaliças de Brasília, o curso demonstra como podemos aproveitar "espaços vazios de corredores, varandas, sacadas, quintais e até janelas para produzir alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e que também constituem uma ótima ocupação para a mente" (EMBRAPA, 2020). Todas essas correspondências motivaram-nas a repensarem os pequenos espaços para cultivar algum alimento. L. S. B. ressaltou que poderia plantar ervas e hortaliças na jardineira em frente à janela de seu apartamento. N. A. P. mostrou como plantar alface em vasilhas de plástico na janela (Figura 2).

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Figura 2 - Pequenos espaços caseiros aproveitados para o cultivo de ervas e hortaliças



Fonte: Grupo HorTOCAR, 2021.

Após três meses de encontros, L. S. B. mostrou ao grupo a batata doce que havia deixado brotar em vaso, na mesa de seu apartamento. Ela demonstrou como era fácil fazer brotar esse tipo de batata apenas colocando-a em um pouco de água. Sua demonstração desencadeou memórias em A. J. P., a *Abuela Viajeira*, que contou ao grupo sobre suas andanças pela América Andina, onde se deparou com uma grande variedade de batatas¹³ (Figura 3). Conversações surgiram sobre como os tubérculos são importantes para a alimentação dos povos sul-americanos e são a base da segurança alimentar de vários povos tradicionais, podendo citar a mandioca aqui no Brasil.

¹³ Há no Peru, no Vale Sagrado dos Incas, na cidade de Pisac, um parque destinado a proteger e valorizar a biodiversidade das batatas (<https://www.peru.travel/pt/atracoes/o-parque-da-batata>).

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Figura 3 - Batatas coloridas do Peru



Fonte: A. J. P., 2021.

O grupo concluiu que precisamos valorizar nossa biodiversidade alimentar. Cada participante, então, passou a apresentar alimentos que ninguém conhecia. Tais correspondências nos ensinaram sobre a grande biodiversidade alimentar presente no Brasil, e como consumimos apenas uma pequena parcela hoje em dia de alimentos chamados convencionais, em detrimento de toda essa variedade alimentar.

No encontro seguinte falou-se sobre o cultivo de PANCs (plantas alimentícias não convencionais), que têm sido escolhidas como uma boa alternativa para hortas caseiras, pois exigem menos insumos e tratamentos culturais e são mais resistentes às doenças e ao clima local. As PANCs são culturas que se apresentam como uma opção para a manutenção da resiliência alimentar, por atuarem como alimentos funcionais, por serem fáceis de cultivar, por terem baixo custo tecnológico, por serem resistentes a pragas e doenças e muito apropriadas para a agricultura familiar (ZACHARIAS; CARVALHO; MADEIRA, 2021).

Elas também contêm propriedades nutritivas importantes para uma boa alimentação. O cultivo caseiro dessas espécies é vantajoso para garantirmos sua disponibilidade, pois elas são dificilmente comercializadas ou encontradas pelas vias convencionais de distribuição. Ao compartilharmos alguns exemplos e informações sobre as PANCs, as participantes se deram conta de que conheciam muitas dessas espécies,

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

pois, elas eram comuns nas gastronomias regionais antigamente. Isso novamente proporcionou um resgate de memória pelo grupo.

As trocas sobre o cultivo de plantas naturalmente levaram a encontros em que foram compartilhados saberes sobre adubação. Segundo a agrônoma, Ana Primavesi, "O homem somente terá saúde se os alimentos possuírem energia vital. Os alimentos somente possuem energia vital se as plantas forem saudáveis. As plantas somente serão saudáveis se o solo for saudável" (PRIMAVESI, 2016, p. 9). O assunto sobre adubo desencadeou conversações acerca de compostagem e manejo dos resíduos orgânicos nas cidades.

Nosso lixo orgânico é rico em nutrientes. No entanto, a dinâmica comum a muitas moradias urbanas é consumir alimentos e descartar os "dejetos" em forma de lixo que em muitos casos vai parar em lixões ou aterros. Por essa razão, passamos a compartilhar ideias de como melhorar a fertilidade e a vida no solo aproveitando esses recursos descartados de nossas cozinhas. O diálogo nos abriu espaço para falar das composteiras caseiras. Apresentamos ao grupo projetos de vermicompostagem¹⁴, também chamado de minhocário (Figura 4). Nele, podemos compostar muitos dos descartes da cozinha em pequenos espaços com o auxílio de minhocas que geram húmus, um adubo rico em nutritivo para as plantas.

Figura 4 - Minhocasa, composteira com minhocas californianas



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

¹⁴ Processo de compostagem no qual se utiliza minhocas. As minhocas potencializam o composto aumentando seu teor de cálcio criando o chamado húmus.

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Apesar de compartilhar informações e experiências feitas com as composteiras, as participantes se mostraram relutantes quanto a adotarem o processo de compostagem com minhocas em seus lares. No entanto, algumas delas conheciam algumas receitas caseiras de adubo. N. A. P. compartilhou com o grupo uma receita de adubo que fazia com a água do arroz, casca de ovo triturada, cascas de banana e borra de café. Conversamos sobre o que cada ingrediente fornecia de nutrientes para as plantas. A partir desse encontro, L. S. B. passou a usar a água de arroz nas violetas e elas voltaram a florir.

O compartilhamento de imagens aconteceu como um dispositivo em que as trocas no grupo pudessem acontecer, já que os encontros eram todos *on-line*. No caso do HorTOCAR, o fato de cada participante ter uma câmera e estar participando das atividades a partir seu lar permitiu ao grupo compartilhar seus espaços caseiros a partir das imagens. Com intuito de potencializar esse imaginário, passamos a incentivar o compartilhamento dessas imagens.

Podemos citar como exemplo que, logo no terceiro encontro, pedimos às participantes que observassem durante as semanas seguintes como a luz solar incidiria em seus lares para ver onde poderíamos cultivar algumas plantas. Pedimos que atentassem por onde a luz entrava e por quanto tempo permanecia, quais os horários e qual a qualidade da luz. Também foi pedido que fotografassem o que observaram.

Essa atividade proporcionou um rompimento de uma relação mais objetiva com nossos lares usando a luz do sol como uma forma de trazer uma outra qualidade de atenção ao espaço. Uma atenção espaçada no tempo pela durabilidade das observações e, também, expandida no espaço, já que plantas podem habitar além do chão, móveis, paredes, tetos. (MACHADO, 2021, p. 125)

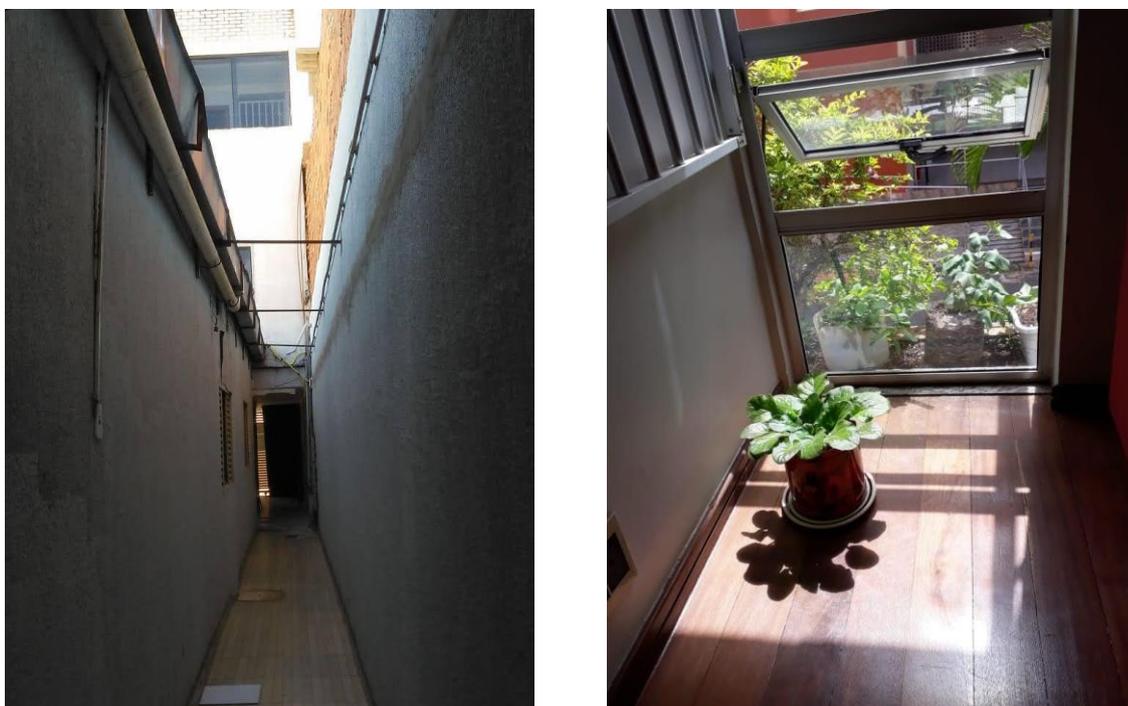
Esse compartilhamento desencadeou um emaranhado de correspondências que abrangiam desde trocas sobre como a luz solar muda durante o ano, quais plantas se adaptam bem à sombra, como podemos adaptar pequenos espaços de nossas casas para acomodar plantas, até necessidades mais primordiais como a importância de termos

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

acesso à luz solar em nossos lares. Uma das participantes, N. A. P., deu-se conta de que sua casa não recebia qualquer incidência direta de luz solar, logo ela só poderia cultivar plantas adaptadas à sombra (Figura 5). Esse fato repercutiu uma discussão no grupo a respeito de como, muitas vezes em centros urbanos, somos privados de algo tão primordial como a incidência de sol, e como isso afeta não apenas o cultivo das plantas, mas principalmente nosso bem-estar.

Figura 5 - Fotos de incidência de sol no lar



Fonte: HorTOCAR, 2021.

Tal dinâmica desencadeou várias correspondências em que as participantes iam revelando seus espaços imagem a imagem. Isso trouxe uma camada de intimidade ao grupo além de ir construindo, mesmo que simbolicamente, o espaço do HorTOCAR no imaginário de todos. "Tem algo de muito pessoal em convidar outras pessoas à nossa casa, mesmo que por janelas de telas digitais." (MACHADO, 2021, p. 130). Notamos que a partir dessas correspondências, as participantes puderam voltar o olhar a seus próprios

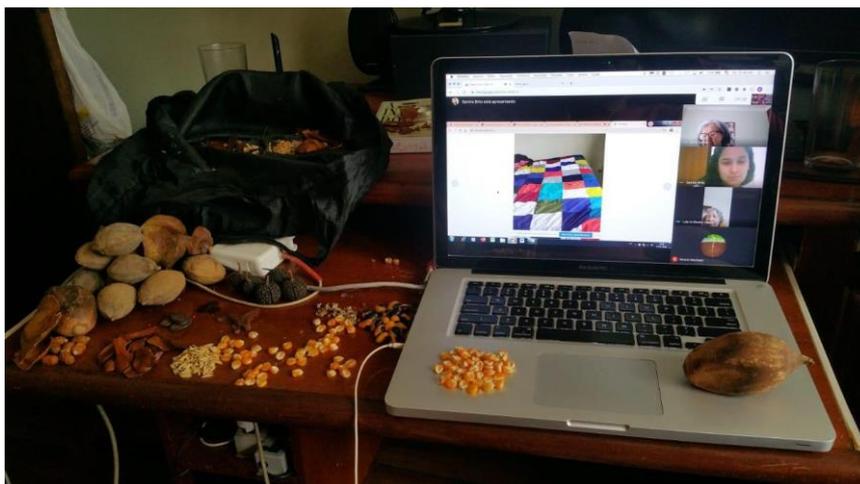
Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

lares a partir de uma nova perspectiva, a de criar espaços capazes de acolher outras, vidas, as das plantas.

O HorTOCAR foi, então, se consolidando como uma paisagem fragmentada, composta pelos retalhos de suas imagens. Os retângulos das telas, simulacros de pessoas, plantas, animais e espaços se construíram no imaginário do grupo como uma grande colcha de retalhos imagética (Figura 6). O grupo era constantemente instigado a imaginar o espaço do outro por tais fragmentos mediados por fotos, vídeos e falas. Tais imagens e as videoconferências estruturam a paisagem do HorTOCAR.

Figura 6 - Foto do computador. Encontro do Grupo HorTOCAR *on-line*, dialogando sobre sementes



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A prática de observação participante nos inspirou a produzir conhecimento junto com as participantes, e não sobre elas. O modelo do HorTOCAR nos proporcionou o surgimento de atividades produtoras de vida. No entanto, muito ainda precisa ser desenvolvido se levarmos em conta as limitações físicas e/ou cognitivas desse grupo demográfico, além da capacitação para torná-los aptos à prática com a comunicação digital, auxiliando-os a ultrapassar as barreiras impostas pelos meios técnicos. Essas questões permearam todos os encontros do Grupo HorTOCAR e certamente não podem ser ignoradas durante a pesquisa. Apesar disso, o grupo apresentou-se como uma malha.

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Quando estamos imersos nas videoconferências *on-line*, focamos nossa atenção no conteúdo sendo compartilhado e, tendemos a ignorar por completo o fato de que, fenomenologicamente, estamos interagindo com aparelhos de telas que nos servem uma imagem, ao mesmo tempo em que nos privam da fisicalidade do mundo. "As interfaces limitam e mediam as interações e estamos achatando o mundo para caber nesses retângulos." (MACHADO, 2021, p. 123). Esse aspecto traz muitas desvantagens quando se trata das práticas com a terra, mas por outro lado, nos abre um enorme leque de compartilhamento de informações possíveis, capazes de catalisar outros tipos de correspondências. Pode-se notar impactos positivos referentes à disponibilização de atividades *on-line* por causa da pandemia. "L. S. B. (81 anos) comentou em um dos encontros que a pandemia e o acesso à internet lhe proporcionaram bons momentos, pois a impeliram a participar de grupos e atividades as quais nunca imaginaria ter acesso." (MACHADO, 2021, p. 122).

As participantes do HorTOCAR também ressaltaram que os grupos proporcionaram o surgimento de encontros com pessoas desconhecidas, nos quais puderam formar novas amizades, tanto com colegas como com os facilitadores. "Na opinião da participante, os grupos *on-line* a ajudaram muito a amenizar os impactos do isolamento social. L. S. B. declarou que não sentiu muito a solidão e que se sente com sorte de ter participado de tantos grupos¹⁵" (MACHADO, 2021, p. 121).

Além disso, todas as participantes declararam que os encontros do HorTOCAR lhes permitiram aprender várias coisas com as quais nunca haviam tido contato. No entanto, A. J. P. (75 anos) afirmou que, apesar de os grupos *on-line* serem muito importantes para ela, sentiu uma enorme falta do contato físico das atividades que fazia antes do isolamento. Podemos afirmar que as trocas *on-line* do HorTOCAR, em alguns momentos, aconteceram no nível da interação, mas em outros, elas eram promotoras de correspondências.

Por esse motivo, chegamos à conclusão de que a malha do HorTOCAR não pode ser comparada às malhas presentes em hortas comunitárias com atividades presenciais.

¹⁵ L. S. B. participou de quatro grupos *on-line* durante a pandemia.

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Um modelo mais adequado para representar a malha do HorTOCAR é o da colcha de retalhos. A ideia surgiu quando uma das participantes, A. J. P. nos mostrou as colchas que fez durante a pandemia. Ela ensinou ao grupo, em um dos encontros, como esse artesanato é feito. Sua demonstração apresentou-se como uma metáfora pertinente para pensarmos o HorTOCAR.

Assumimos cada participante do grupo como uma linha ou um feixe de linhas expandindo em suas relações com outros seres e espaços. No entanto, no formato *online*, cada um em si apresentava-se como um pedaço de retalho, ou seja, como um recorte na tela. Quando, na duração dos encontros, as correspondências aconteciam através das conversas, trocas de saberes e nos fazeres com o outro, fios de cada retalho se lançavam e se entrelaçavam com os dos outros. A malha/colcha de retalho ia tecendo-se assim, mesmo que limitada pelos seus recortes, nos mostrando que ainda era possível nos correspondermos, apesar do isolamento social.

Conclusão

As atividades e fazeres relacionadas ao plantio caseiro de alimentos se apresentaram como uma potente ferramenta para se trabalhar a produção de vida junto a pessoas idosas ativas. Verificamos que, além da promoção de bem-estar e de ressignificação dos espaços dos lares, elas se constituem como dispositivos de conversação capazes de fomentar trocas de saberes sobre formas de habitar mais saudáveis e sustentáveis. Fomentar tais atividades é parte do enfrentamento dos desafios apresentados à população idosa nos tempos atuais e condizem com as metas referentes à Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030).

Criar condições para que tais atividades aconteçam é um desafio multidisciplinar que requer pesquisas participativas que se adaptem a cada contexto. Não existem soluções pré-formadas quando se trata de correspondências. O contexto histórico único e desafiador causado pela pandemia da COVID-19 agravou a urgência de inovarmos para que as demandas biológicas, psicológicas, sociais e culturais da(s) velhice(s) sejam abordadas.

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

O Grupo HorTOCAR surgiu como uma resposta possível a tais demandas. A partir de abordagens e métodos provindos de diferentes campos, como a Terapia Ocupacional, Artes Visuais, Design e Antropologia, pode-se explorar processos possíveis de mitigar os problemas gerados pelo isolamento social a um grupo de pessoas idosas. Além disso, pudemos criar dispositivos capazes de apoiar os participantes do grupo a se tornarem indivíduos criativos e proativos nas construções de seus próprios espaços, de espaços coletivos (mesmo que *on-line*) e seres correspondentes com outras espécies de vida para além dos humanos.

No entanto, tornaram-se claros os desafios presentes na digitalização das relações no que diz respeito às correspondências possíveis quando se trata de grupos e espaços coletivos que giram em torno dos fazeres, neste caso com o cultivo de alimentos. Foi igualmente desafiadora a criação de relações de autonomia devido às estruturas professor-aluno presentes em muitas atividades oferecidas às pessoas idosas e suas experiências com grupos anteriores. O formato de encontro remoto também potencializou tais estruturas, dificultando o compartilhamento dos saberes para além dos sentidos verbais e visuais, muito presentes nas relações professor-aluno.

No entanto, o Grupo HorTOCAR logrou romper com tais desafios em vários momentos através da inovação e improvisação, apoiadas em métodos e ferramentas provenientes da diversidade dos campos de conhecimento citados. Então, mesmo que em certos momentos, as trocas tenham ficado no âmbito da interação das hierarquias professor-aluno, em vários outros momentos o grupo logrou quebrar com essas estruturas fomentando correspondências e autonomia, tornando-se assim um espaço produtor de vida para pessoas idosas ativas em tempos de isolamento social. Considerando a imagem da malha proposta por Ingold, a pesquisa junto ao Grupo HorTOCAR surgiu como um desdobramento de tal imagem para a ideia da colcha de retalhos adaptada ao contexto de grupos *on-line* e seus desafios como espaços de correspondência.

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

Referências

ANASTASSAKIS, Z.; SZANJECKI, B. Conversation dispositifs: towards a transdisciplinary design anthropological approach. In: SMITH, R. C. et al. (eds.). **Design anthropological futures**. 1. ed. London: Bloomsbury Academic, 2016. p. 121-138.

BINDER, T. et al. **Design things**. Cambridge: MITPress, 2011.

CHIARELLI, T. M.; BATISTONI, S. S. T. Trajetória das políticas públicas brasileiras para pessoas idosas frente a década do envelhecimento saudável (2021-2030). **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 93-114, 2022.

EMBRAPA abre inscrições para o primeiro curso on-line de Hortas em Pequenos Espaços. **Embrapa**, [Brasília], 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/51400753/embrapa-abre-inscricoes-para-o-primeiro-curso-on-line-de-hortas-em-pequenos-espacos>. Acesso em: 22 nov. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GATT, C.; INGOLD, T. From description to correspondence: anthropology in real time. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. (eds.). **Design anthropology: theory and practice**. London: Bloomsbury, 2013. p. 139-158.

HOERLLE, G. Velhice: tempo de lembrar? entre a memória e o esquecimento. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 285-309, jan./jun. 2014.

IBGE. **Retratos sociais DF 2018: projeções da população: tabelas: indicadores implícitos na projeção. A população idosa no Distrito Federal**. Brasília, DF: IBGE, abr. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 24 ago. 2022.

INGOLD, T. **Antropologia: para que serve**. Petrópolis: Vozes, 2019.

INGOLD, T. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011.

INGOLD, T. **Lines: a brief history**. London: Routledge, 2016.

INGOLD, T. On human correspondence. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, [s.l.], v. 23, n. 1, p. 9-27, 2017.

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

INGOLD, T. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill.** 2nd. ed. London: Routledge, 2011.

INGOLD, T. **Correspondences.** Medford: Polity Press, 2021.

MACHADO, R. P. **Práticas agroecológicas em lares: espaços de diálogo multiespécie.** 2021. Dissertação (Mestrado em Design, Espaço e Mediação) – Programa de Pós-graduação em Design, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2021.

MENDES, G. A.; CRUZ, K. C. T.; TAVARES, G. S. VivaCIDADE: rede entre nós e os agenciamentos na construção de projetos de vida na velhice. **Brazilian Journal of Development**, [s.l.], v. 6, n. 10, p. 81158-81174, 2020.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2007.

OPAS. **Decade of healthy ageing 2020-2030.** [S.l.]: Institutional Repository for Information Sharing: Pan American Health Organization, World Health Organization, 2020.

PAHO. **Década do envelhecimento saudável nas Américas (2021-2030).** [S.l.]: Paho, [202-]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>. Acesso em: 24 ago. 2022.

PRIMAVESI, A. M. **Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

QUARENTEI, M. S. Terapia ocupacional e produção de vida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 7., 2001, Porto Alegre. **Anais [...].** Porto Alegre: ABRATO, 2001. p. 8. Conferência de Encerramento.

RODRIGUES, S. C. A. **Um modelo para a implementação de redes de hortas urbanas.** 2012. Dissertação (Mestrado em Gestão Ambiental e Ordenamento do território) – Instituto Politécnico de Viana Castelo, Viana Castelo, 2012.

ROMERO, D. E. et al. Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 3, n. 37, p. 1-16, 2021.

SERPA, B.; COSTARD, M. Design anthropology para muitos mundos possíveis. **Arcos Design**, Rio de Janeiro: PPDES DI – UERJ, v. 11, n. 2, p. 7-25, 2019.

VEIGA, Marcia Regina Medeiros; FERREIRA, Sônia Cristina Mairós; CORDEIRO, António Manuel Rochette. Construção de identidade(s) na velhice: os territórios enquanto marcos identitários. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 28, n. 3, p. 453-462, set./dez. 2016.

Projeto “HorTOCAR”: correspondências, agroecologia e produção de vida com pessoas idosas em tempos de pandemia

Renato Perotto Machado, Gabriela Alves Mendes, Grasielle Silveira Tavares

WHO. **Decade of healthy ageing: baseline report.** Geneva: World Health Organization. 2020.

Contribuições de autoria

Renato Perotto Machado: conceituação; administração do projeto; escrita – análise e edição.

Gabriela Alves Mendes: conceituação; administração do projeto; escrita – análise e edição.

Grasielle Silveira Tavares: conceituação; administração do projeto; escrita – análise e edição.

Recebido em: 25/08/2022

Aprovado em: 23/02/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
PerCursos
Volume 24 - Ano 2023
revistapercursos.faed@udesc.br